

ESCOLAS CRIATIVAS: CAMINHO PARA A HUMANIZAÇÃO E FORMAÇÃO INTEGRAL

Ana Raquel da Silva Mesquita¹; Maria José de Pinho²; Kênia Paulino Queiroz de Souza³;

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins – UFT e Coordenadora efetiva pela Secretaria Estadual do Tocantins – SEDUC, e-mail:

anainharaquel2020@gmail.com

² Professora Titular na Universidade Federal do Tocantins – UFT, Doutora em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós - Doutorado em Educação pela Universidade do Algarve - Portugal, e-mail: mjpgon@mail.uft.edu.br

³ Professora e tutora no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS, Doutora em Educação na Amazônia – Educante - PGEDA, polo Palmas, Universidade Federal do Tocantins – UFT, Doutora em Ciências do Ambiente – UFT, e-mail: kenia.pq@unitins.br

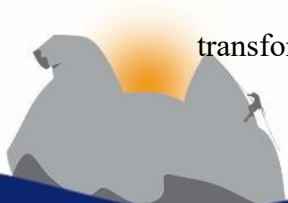
Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a Criatividade como princípio orientador na ressignificação dos processos pedagógicos e na promoção de uma educação humanizadora no contexto das Escolas Criativas. Em um cenário marcado por desafios sociais, culturais e emocionais, torna-se urgente repensar o papel da escola para além da transmissão de conteúdos, compreendendo-a como espaço de formação integral do sujeito. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de estudo bibliográfico, fundamentada em autores que discutem Criatividade, Complexidade e Educação Humanizadora. As Escolas Criativas propõem a valorização da autonomia, da sensibilidade, da colaboração e da construção coletiva do conhecimento, rompendo com modelos tradicionais, fragmentados e centrados exclusivamente no conteúdo. A Criatividade, nesse contexto, é entendida não apenas como inovação metodológica, mas como postura ética e política que reconhece o estudante em sua singularidade. Conclui-se que investir em Escolas Criativas implica transformar as práticas pedagógicas e fortalecer vínculos, promovendo ambientes que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Assim, a Criatividade apresenta-se como caminho para a humanização da educação, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação da realidade.

Palavras-chave: Escolas Criativas. Humanização da educação. Criatividade. Formação integral.

Introdução

A educação contemporânea encontra-se imersa em um cenário marcado por profundas transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas, que exigem da escola novas



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia

posturas e novas formas de compreender o processo de ensinar e aprender. Historicamente, o ensino foi fortemente influenciado por uma racionalidade técnica e fragmentada, centrada na transmissão de conteúdos e na aplicação de métodos padronizados.

No entanto, diante das demandas atuais, torna-se imprescindível repensar os fundamentos da prática pedagógica, reconhecendo a importância das Escolas Criativas embasadas na Criatividade como elemento essencial para a ressignificação dos processos educativos e das relações estabelecidas no contexto escolar.

Logo, problematiza-se: de que maneira as Escolas Criativas podem contribuir por meio do fundamento da Criatividade para a ressignificação dos processos pedagógicos e construção de relações mais humanizadoras no ambiente escolar? Partindo da compreensão de que a Criatividade não se limita à inovação técnica ou metodológica, mas constitui-se como dimensão humana integradora, capaz de articular razão, emoção, experiência e diálogo no processo formativo.

O presente estudo tem como objetivo analisar a Criatividade como princípio orientador na ressignificação dos processos pedagógicos e na promoção de uma educação humanizadora no contexto das Escolas Criativas. Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que discutem Criatividade, Pensamento Complexo, Humanização e Formação Docente, possibilitando uma reflexão teórica acerca das práticas educativas contemporâneas.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de ampliar o debate sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos, sensíveis e socialmente comprometidos, especialmente em um contexto em que a educação, por vezes, é orientada por lógicas mercadológicas e tecnicistas. Ao enfatizar a Criatividade como eixo estruturante da prática pedagógica, busca-se contribuir para a construção de propostas educativas que superem a fragmentação do saber e valorizem a integralidade do ser humano.

Dessa forma, propõe-se compreender a escola como espaço de transformação, no qual a prática docente, quando fundamentada na Criatividade e no diálogo, pode promover experiências formativas mais significativas, fortalecendo vínculos, ampliando horizontes e reafirmando a educação como caminho para a humanização e a emancipação cidadã.

O texto está organizado em três seções que se articulam de forma complementar. Na primeira, intitulada “Pensando a Escola Criativa como ponte humanizadora para a emancipação”, discute-se a concepção de escola como espaço formativo que ultrapassa a mera

transmissão de conteúdos, assumindo um papel humanizador e emancipatório, à luz de perspectivas críticas da educação, como as defendidas por Paulo Freire. Na segunda seção, “A criatividade na ressignificação dos processos pedagógicos das relações estabelecidas no contexto escolar”, analisa-se a criatividade como elemento fundamental para a transformação das práticas pedagógicas, favorecendo relações mais dialógicas, sensíveis e significativas entre docentes e discentes. Por fim, nas “Considerações finais”, retomam-se os principais argumentos desenvolvidos ao longo do texto, evidenciando as contribuições da Escola Criativa para a construção de uma educação comprometida com a formação integral e com a emancipação dos sujeitos.

Pensando a Escola Criativa como ponte humanizadora para a emancipação

Pensar a escola é reconhecer sua centralidade na formação humana, social e cidadã, compreendendo-a como um espaço privilegiado de construção de sentidos, valores e identidades. Em um cenário marcado por intensas transformações sociais, culturais e tecnológicas, torna-se ainda mais necessário refletir criticamente sobre seu papel, suas práticas e suas finalidades.

Por esse contexto, o ensino precisa ser visto pelo viés que ultrapassa a dimensão meramente conteudista, assumindo a responsabilidade de formar sujeitos críticos, éticos comprometidos com a transformação social. Moraes (1997) afirma que há uma necessidade de um paradigma emergente educacional e ressalta que, depois de mais de 20 anos participando de processos de planejamento e de coordenação de políticas públicas relacionadas ao uso das tecnologias educacionais no Brasil, a grande maioria dos problemas atualmente existentes na área educacional persiste há várias décadas, e, para tentar amenizar tais problemas, professores têm usado de didáticas diferenciadas.

Nesse contexto, a escola, enquanto instituição social, não deve se restringir à transmissão de saberes sistematizados, mas deve constituir-se como um ambiente de construção de sentidos, valores e práticas que orientem a convivência democrática e o respeito às diferenças.

Entende-se que,



Na perspectiva da educação tradicional não existe diálogo, uma vez que o detentor do saber é o professor e o aluno fica na condição de tábua rasa, ou recipiente a ser preenchido por um saber elaborado pela cultura, geralmente, a cultura dominante. Tentando romper com esta visão homogênea de educação, o projeto de Escolas Criativas procura apresentar uma nova alternativa de ver e pensar o ato educativo, a relação entre ensino e aprendizagem e a relação professor/aluno numa perspectiva multidisciplinar, transdisciplinar e complexa (Silva, 2011, p.74).

Dessa forma, pensar a escola sob a perspectiva da humanização implica valorizar relações pedagógicas baseadas no diálogo, na escuta e na colaboração, criando condições para que cada sujeito se reconheça como parte integrante e transformadora do mundo em que vive.

O educador espanhol Saturnino De La Torre (2003), em sua obra *Dialogando con la creatividad*, destaca a relevância do estudo da criatividade no campo da educação como elemento estruturante de práticas pedagógicas mais significativas e transformadoras. Para o autor, a Criatividade não se reduz a técnicas inovadoras ou atividades pontuais e sim a uma dimensão essencial do desenvolvimento humano e da própria ação educativa. Nesse sentido, ele propõe possibilidades de educar que articulam os conceitos clássicos (tradicionais) a uma nova leitura pedagógica, integrando teoria e prática de forma dinâmica e transdisciplinar.

O termo *criativo*, conforme o dicionário Aurélio (2016), refere-se: 1) à capacidade de criar, de inventar; 2) à qualidade de quem possui ideias originais; 3) à capacidade que o falante de uma língua tem de produzir novos enunciados sem que os tenha ouvido ou dito anteriormente. Essas definições evidenciam que o conceito de criatividade ultrapassa o senso comum que a associa apenas às artes ou à produção estética, revelando-se como uma competência humana ampla, presente em diferentes dimensões da experiência.

Do termo *criativo* deriva a palavra *criatividade*, substantivo feminino originado do latim *creare*, que significa criar, produzir, gerar ou dar existência. Assim, criatividade remete à capacidade de conceber algo novo, estabelecer relações inéditas, ressignificar o já existente e propor soluções originais diante de situações diversas. Trata-se de uma faculdade inerente ao ser humano, que envolve imaginação, sensibilidade, pensamento crítico e abertura ao novo.

A Criatividade pode ser aplicada em qualquer área da vida: pessoal, profissional, social e educacional, manifestando-se tanto na resolução de problemas cotidianos quanto na elaboração de conhecimentos científicos ou na construção de práticas pedagógicas inovadoras. No campo da educação, em especial, a criatividade assume papel fundamental, pois favorece aprendizagens mais significativas, estimula a autonomia e contribui para a

formação de sujeitos capazes de intervir de maneira consciente e transformadora na realidade em que estão inseridos.

Souza (2022, p.95), destaca que “não poderíamos deixar nossas expressões mais profundas serem abafadas, sufocadas pela visão fragmentada do cientificismo mecânico, uma vez que a produção é realizada pelo sujeito, pelo ser que pensa, sente e faz parte do processo”. Logo, “falar de criatividade é compreender um contexto envolvido também em prol de uma significativa ação social, epistemológica, histórica e cultural, visto que, tais dimensões compõem a vida em sociedade” (Pinho; Souza, 2017, p. 108).

Diante do já mencionado, destaca-se o que Torre (2003) defende. O teórico afirma que a prática educativa precisa ser repensada a partir de uma perspectiva que valorize a reflexão crítica sobre a ação, compreendendo a experiência, a vivência e o contexto particular de cada aprendente como elementos centrais do processo formativo. Ao promover a reflexão sobre a ação/prática/experiência no cotidiano escolar, o educador amplia a compreensão das múltiplas dimensões que atravessam o processo de ensino e aprendizagem. Assim, favorece-se uma leitura mais sensível e contextualizada das diversidades humanas que compõem a classe/turma e a escola, reconhecendo as singularidades, os diferentes ritmos, saberes e trajetórias que constituem o espaço educativo.

Pois, para Torre (2003), o processo Criativo nasce desse envolvimento da concepção e desenvolvimento da ação, configurando-se como um movimento integrador entre o pensar, o sentir e o agir. Contudo, a Criatividade, nessa perspectiva, não é um ato isolado ou meramente técnico, mas um processo vivo que articula dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Trata-se de uma dinâmica dialógica que tem como horizonte a tomada de consciência, permitindo ao sujeito reconhecer suas emoções, elaborar pensamentos e expressar-se de forma autêntica no mundo. Ao criar, o ser humano afirma sua presença, interpreta a realidade e reivindica sua participação ativa na construção de sentidos e transformações sociais.

O sentido dialógico da Criatividade, conforme propõe Torre (2003), aproxima-se da noção de diálogo defendida por Paulo Freire. Para o educador brasileiro (2011, p. 109), “O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Nessa direção, a criatividade assume uma dimensão ética e política, pois implica interação, escuta, troca e construção coletiva. Criar é também dialogar com o outro e com o contexto histórico-cultural, reconhecendo-se como sujeito inacabado e em permanente formação.

Assim, Torre (2003), corrobora reafirmando que a Criatividade não se limita a uma capacidade já reconhecida ou restrita a alguns indivíduos considerados “talentosos”, mas constitui um potencial inerente a todos os seres humanos. Esse potencial, quando estimulado em ambientes educativos sensíveis e abertos ao diálogo, favorece o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da humanização, fortalecendo práticas pedagógicas que valorizam a participação e a expressão singular de cada sujeito.

No entanto, diante de um cenário multifacetado e complexo em que residimos hoje, a Criatividade muitas vezes é relegada a segundo plano em nome de um projeto científico fundamentado na racionalidade cartesiana, fortemente alinhado às demandas do modelo capitalista vigente. A lógica da fragmentação, da mensuração e da produtividade passa a orientar os processos educacionais, reduzindo o ensino à transmissão de conteúdos e ao alcance de resultados quantificáveis. Nesse contexto, a Criatividade, entendida como expressão da subjetividade, da sensibilidade e da construção crítica do conhecimento, perde espaço para práticas padronizadas e instrumentalizadas.

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) tem apresentado propostas voltadas às chamadas escolas inovadoras, termo apresentado por Torre, buscando aproximar-se, ao menos no discurso, da ideia de Escolas Criativas. Contudo, observa-se que muitas dessas iniciativas se estruturam a partir de uma perspectiva liberal, na qual Criatividade e inovação são tratadas como sinônimos. Embora semanticamente próximas, tais noções diferem significativamente em sua concepção e em sua densidade política. A inovação, nesse viés, tende a estar associada à introdução de tecnologias, metodologias ativas ou modelos de gestão mais eficientes, sem necessariamente questionar as bases epistemológicas e sociais que sustentam o sistema educacional.

Na perspectiva de Torre (2003), as escolas inovadoras não se definem apenas pela incorporação de tecnologias ou pela adoção de metodologias diferenciadas, mas pela capacidade de transformar intencionalmente suas concepções de ensino, aprendizagem e formação humana. Para o autor, inovar implica romper com estruturas rígidas, fragmentadas e excessivamente normativas, criando espaços que favoreçam a criatividade como princípio organizador da prática pedagógica.

Uma escola verdadeiramente inovadora é aquela que reconhece o estudante em sua integralidade, razão, emoção e corporeidade, e promove experiências educativas significativas, contextualizadas e dialógicas. Nesse sentido, a inovação não se limita a

mudanças superficiais, mas envolve uma revisão epistemológica e ética do fazer educativo, orientada por uma visão transdisciplinar, colaborativa e comprometida com o desenvolvimento pleno do ser humano.

Nesse sentido, conforme propõe Suanno (2015), aproximando das ideias de De La Torre, a inovação didática em ambientes educacionais criativos deve fundamentar-se em novas finalidades educativas, alinhadas ao pensamento complexo. Isso implica ecologizar saberes e práticas, articular razão, emoção e corporeidade, e construir práticas transdisciplinares no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se, portanto, de superar uma inovação meramente técnica para assumir uma Criatividade comprometida com a humanização, a transformação social e a formação integral dos sujeitos.

Diante dessas reflexões, compreende-se que pensar Escolas Criativas e inovadoras na perspectiva de Torre implica assumir a educação como prática profundamente humana, ética e transformadora. Não se trata de aderir a modismos pedagógicos ou incorporar recursos tecnológicos de forma acrítica, mas de promover uma mudança paradigmática que ressignifique as finalidades da escola.

A Criatividade, entendida como potência inerente ao ser humano, deve constituir-se como eixo estruturante das práticas educativas, favorecendo o diálogo, a sensibilidade, a complexidade e a formação integral dos sujeitos. Assim, a escola que se propõe criativa e inovadora é aquela que rompe com a fragmentação do saber, valoriza a diversidade e se compromete com a emancipação cidadã, tornando-se, de fato, um espaço de humanização e transformação social.

A criatividade na ressignificação dos processos pedagógicos das relações estabelecidas no contexto escolar

Diante do que já foi abordado, esta seção propõe um diálogo acerca da criatividade na ressignificação dos processos pedagógicos e das relações estabelecidas no contexto escolar, compreendendo-a como elemento central para a construção de uma educação mais significativa, sensível e humanizadora.

Considera-se que em um cenário marcado por mudanças sociais, culturais e tecnológicas aceleradas, torna-se necessário repensar práticas educativas ainda pautadas na fragmentação do conhecimento e na centralidade do ensino transmissivo. No entanto, para isso, precisamos entender que o ato de ensinar foi constituído em um contexto histórico de

altos e baixos. Ao longo da história, o ensinar assumiu diferentes configurações, acompanhando as transformações sociais, políticas e epistemológicas de cada período. Por muito tempo o professor assumiu uma figura ditatorial e o estudante era a tabua rasa em que atuava como receptor de informações.

Com o fortalecimento da concepção científica moderna, especialmente a partir do século XIX, a educação passou a ser orientada por princípios de racionalidade, objetividade e sistematização do conhecimento. Nesse contexto, a didática, arte de ensinar, foi gradativamente compreendida como um instrumento técnico voltado à eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, seu foco concentrou-se nos métodos e técnicas de ensinar, priorizando a organização e a transmissão de conteúdos de forma estruturada e padronizada. O ensino, então, assumiu um caráter instrumental, muitas vezes desvinculado da intencionalidade formativa mais ampla e das experiências de vida de alunos e professores.

Essa perspectiva ainda reduzia o ato educativo a procedimentos técnicos, desconsiderando a complexidade das relações humanas presentes no processo de aprendizagem. Contudo, ao compreender o conhecimento como resultado da interação constante entre sujeito e mundo, amplia-se a concepção de ensino para além da mera transmissão de informações, assim como se amplia a compreensão do ser humano como indivíduo que, ao relacionar-se com a realidade, constrói sentidos, define finalidades para sua ação e institui valores que orientam sua inserção social. Trata-se de um movimento histórico que, conforme afirma Severino (1990, p. 21), “constitui uma tentativa de intencionalização do existir social no tempo histórico”.

Portanto, o ensino que conecta teoria e prática entende que ambas são partes integrantes de um todo; isto é, não atuam separadas, pois constituem, de forma dinâmica, o processo histórico da atividade humana. Logo, chegamos ao ponto principal desse texto: possibilitar a compreensão e reafirmação de que para se alcançar a ressignificação dos processos pedagógicos das relações estabelecidas no contexto escolar é fundamental que o docente reconheça o educando como sujeito em permanente processo de ampliação intelectual, compreendendo-o não apenas como receptor de conteúdos, mas como ser social, histórico e culturalmente situado, integrado ao mundo ao qual pertence, pois é aqui que reina a criatividade como emancipação humana.

Essa percepção amplia o papel do professor, que deixa de ser mero transmissor de informações para tornar-se mediador de experiências formativas que favoreçam o desenvolvimento crítico, ético e emocional do estudante. Educar, nessa perspectiva, implica contribuir para a constituição do estudante como pessoa em sua totalidade, considerando suas dimensões cognitiva, afetiva, social e política.

Como afirma Paulo Freire (2004, p. 50), “O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da existência vital”. Tal compreensão revela que a formação humana é um processo contínuo, marcado pela abertura ao aprendizado, à transformação e à construção de novos sentidos. Esse movimento de inacabamento atravessa a vida humana tanto na esfera individual quanto na coletiva, pois o sujeito se forma nas relações que estabelece com o outro e com o mundo. Assim, o ato educativo precisa reconhecer essa condição dinâmica da existência, promovendo práticas que estimulem a reflexão, o diálogo e a participação ativa, possibilitando que educador e educando cresçam juntos no processo de ensinar e aprender.

Pois, tudo começa na prática vivida e refletida no cotidiano escolar, pois é na ação concreta que o ensino ganha sentido e se materializa. A prática pedagógica não se limita à aplicação de métodos previamente definidos, mas constitui-se como espaço de construção, experimentação e ressignificação contínua. É no encontro entre professor e estudante, nas situações reais da sala de aula, nos desafios enfrentados e nas decisões tomadas, que o processo educativo se revela em sua complexidade.

Logo, a ação docente, quando acompanhada de reflexão crítica, transforma-se em práxis, articulando teoria e prática de modo indissociável. Assim, é na prática emitida, experienciada e analisada que se constroem saberes, se fortalecem relações e se consolidam aprendizagens significativas, tornando a escola um espaço vivo de formação humana e transformação social.

Ainda nesse sentido,

Da mesma maneira que se concretiza na vida humana, a mesma se reconfigura trazendo em si dimensões como a ontológica (o resgate do ser), a epistemológica (a busca do conhecer), a metodológica (a maneira do fazer) e ainda uma inter-relação multidimensional, ontoepistemometodológica, ou seja, interconectadas na vida e pela vida, as três dimensões ser, conhecer e fazer, são indissociáveis. (Souza, 2022, p.110).

Assim, a educação escolar, no exercício de sua função social de educar e preparar para a vida, precisa reconhecer que o ensino é um ato histórico, intencional e profundamente humano. A prática pedagógica deve considerar as múltiplas dimensões do ato educativo, ética,

política, cultural e social, compreendendo os educandos como sujeitos concretos, inseridos em contextos específicos. Dessa forma, a história do ensinar revela uma passagem de uma perspectiva técnica e transmissiva para a necessidade contemporânea de uma abordagem mais crítica, reflexiva e comprometida com a formação integral do ser humano.

Por fim, mais uma vez corroboramos com Souza (2022) ao destacar que,

A criatividade ecotranscomplexa veio para nos despertar como seres humanos que saem do modo passivo para o ativo, para perceber que existe o outro e que quando não nos importamos com o outro, com os outros, não estamos bem, não fazemos o bem e, consequentemente, excluimos, destruímos os objetivos, os sonhos, as esperanças, as vidas, o planeta. (Souza, 2022, p.111).

Nesse sentido, chegamos à conclusão de que a Criatividade emerge não apenas como estratégia metodológica, mas como princípio orientador capaz de transformar a dinâmica da sala de aula, promovendo diálogo, participação e construção coletiva do saber. Ao ressignificar os processos pedagógicos, a escola amplia as possibilidades de aprendizagem, fortalece vínculos e reconhece estudantes e professores como sujeitos ativos na produção do conhecimento, favorecendo relações mais colaborativas, sensíveis e emancipadoras.

Considerações finais

O presente estudo buscou a Criatividade como princípio orientador na ressignificação dos processos pedagógicos e na promoção de uma educação humanizadora no contexto das Escolas Criativas. Nesse posto foi possível compreender que a instituição escolar não pode permanecer ancorada em perspectivas reducionistas e fragmentadas do conhecimento e sim assumir-se como ambiente de formação integral, no qual o ensino esteja articulado à construção de sentidos, valores e experiências significativas.

A discussão acerca das Escolas Criativas evidenciou que a Criatividade não se limita a estratégias metodológicas inovadoras, mas constitui uma postura pedagógica que ressignifica processos, relações e modos de ensinar e aprender. Nessa direção, pensar a escola a partir de uma perspectiva humanizadora implica reconhecer o estudante como sujeito histórico, ativo e capaz de intervir na realidade, em consonância com uma educação comprometida com a emancipação, como defende Freire.

Além disso, destacou-se que a resignificação dos processos pedagógicos demanda abertura ao diálogo, sensibilidade às diferenças e valorização da complexidade que atravessa o cotidiano escolar. A Criatividade, nesse contexto, é a peça que exala práticas colaborativas, amplia possibilidades de aprendizagem e contribui para a construção de uma cultura escolar mais democrática e inclusiva.

Por fim, reafirma-se que pensar a escola é um exercício contínuo de reflexão crítica e compromisso ético. Investir em uma educação criativa e humanizadora significa apostar na formação de sujeitos autônomos, críticos e socialmente responsáveis, capazes de participar ativamente da transformação da sociedade.

Referências bibliográficas

DICIONÁRIO AURÉLIO. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 - Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/criatividade>>. Acesso em: 03 Mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50.ed.rev, e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A Contribuição da Filosofia para a Educação**. Revista Em aberto, Brasília, ano 9, jan. mar, 1990.

SILVA, Carlos Cardoso. Escolas criativas: espaço de humanização. In: PINHO, Maria José de (org.). **Educação transdisciplinar: escolas criativas e transformadoras**. Palmas: Editora Universitária – EDUFT, 2011. p. 74-89.

SOUZA, Kênia Paulino Queiroz; PINHO, Maria José de. Criatividade e inovação na escola do século XXI: uma mudança de paradigmas. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 4, p. 1906-1923, 2017.

SOUZA, Kênia Paulino de Queiroz. **Criatividade ecotranscomplexa e a educação: um olhar amazônida na contemporaneidade**. 2022. 126 f. Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia, Palmas, 2022.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. 482 p. Tese de Doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, pela Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília-DF, 2015.

TORRE, Saturnino. De La. **Dialogando con la creatividad**. De la identificación a la creatividad paradójica. Barcelona: Octaedro, 2003.